

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Revista Veja*

Class.: 366

Data: 24.01.90

Pg.: _____

PARANAPANEMA

Queda-de-braço

A Justiça fustiga uma mina milionária

Deu empate, por enquanto, na luta livre travada desde o último dia 11 entre uma juíza federal — Selene de Almeida — e a Paranapanema, uma das maiores mineradoras do país, que garante o fornecimento de 14% de todo o estanho consumido no mundo. Na sexta-feira passada, o presidente do Tribunal Regional Federal, Alberto José Vieira da Silva, suspendeu uma ordem da juíza que golpeou a Paranapanema no coração. A juíza mandou interditar uma estrada de terra batida que a mineradora utiliza para escoar a produção de estanho de sua mina de Pitinga, no Amazonas. Só a produção dessa mina repre-

cia figura a de que a Paranapanema estaria afogando a cultura indígena com as benesses da civilização que levou para a região. A mineradora — revela o calhamaço — fornece frango congelado para os índios. Com isso, eles teriam perdido um traço de suas tradições, a de caçar animais selvagens, os quais, pelas leis brasileiras, por sinal, também devem ser preservados. A Paranapanema, além disso, ensinou os índios a criar bois, esfolando outra vez também, segundo o calhamaço, a cultura indígena.

Para a Paranapanema e para a economia do país, os prejuízos que o fechamento da jazida podem provocar são imensos. Desde que a mina de Pitinga começou a funcionar, em 1983, a Paranapanema exportou 800 milhões de dólares. Se parar de funcionar, a Paranapanema perde um bolo de dinheiro de 165 milhões de dólares que enterrou na escavação da mina e na construção de uma cidade para abrigar os seus 6 000



Lacombe, dono da mina de Pitinga, a 300 km de Manaus: litígio na Justiça



senta 90% de toda a operação da mineradora, e sem a estrada de terra — a única ligação entre as instalações de Pitinga e a BR-174 — a jazida fica entregue aos cupins.

Ao interditar o caminho de terra, a juíza alegou que a sua simples existência "molestava" uma aldeia de 400 índios da tribo Waimiri-Atroari que vive na região, uma reserva de 2,4 milhões de hectares, na qual cabe todo o Estado de Sergipe e uma parte de Alagoas. Quanto ao tamanho da reserva, há um desses exageros típicos da nova ecologia brasileira: se cada pessoa no país tivesse um pedaço de terra igual ao que cabe a cada índio, o Brasil teria um território 100 vezes maior. Por outro lado, todos os índios brasileiros cabem dentro do Estádio do Maracanã.

Em sua ordem, a juíza baseou-se num calhamaço de denúncias de antropólogos e técnicos da Funai. Entre essas denún-

funcionários. Nessa cidade, existem clube, escolas e um dos mais modernos hospitais da Amazônia. As escolas e o hospital atendem aos funcionários e também aos índios. "Os índios são nossos amigos", diz Otávio Lacombe, presidente da mineradora.

"A alegação de que a estrada lesa os índios não passa de excesso de zelo, sem maior suporte na razão", opina o consultor-geral da República, Clovis Ferro Costa. A preservação dos índios e de sua cultura é uma causa louvável, mas no Brasil pode se revestir de certos exageros. No caso de Pitinga, há uma violação da lei pela existência de estrada dentro da reserva. Mas fica difícil entender por que uma estrada federal pode funcionar e outra particular não pode — sendo que a particular tem apenas 77 quilômetros. Também é difícil conceber que 400 índios precisem de um Sercipe inteiro para viver com sua cultura. ■